LIÇÃO 2 - Esta Ciência Considera o Ente e a Unidade. As Partes da Filosofia Baseadas nas Divisões do Ente e da Unidade

TEXTO DE ARISTÓTELES: Capítulo 2: 1003b 22-1004a 9

> *301. Ora, embora ente e unidade sejam o mesmo e sejam uma natureza única no sentido de que estão associados como princípio e causa, não são o mesmo no sentido de que são expressos por um único conceito. No entanto, não faz diferença mesmo se os considerarmos idênticos; de fato, isso favorecerá nosso empreendimento.*
>
> *302. Pois um homem e ser humano e homem são a mesma coisa; e nada de diferente é expresso ao repetir os termos quando dizemos: "Isto é um ser humano, um homem e um homem uno". E é evidente que eles não estão separados nem na geração nem na corrupção. O mesmo vale para o que é uno. Logo, é evidente que qualquer acréscimo a estes expressa a mesma coisa, e que a unidade nada mais é do que o ente.*
>
> *303. Além disso, a substância de cada coisa é una de modo não acidental; e, similarmente, é algo que é.*
>
> *304. Portanto, há tantas espécies de ente quantas há de unidade, e é ofício da mesma ciência geral tratá-las. Refiro-me, por exemplo, à mesmidade e à*

> *semelhança e a outros atributos desse tipo. E quase todos os contrários podem ser referidos a este ponto de partida. Mas estes foram estudados por nós em nossa seleção, ou seja, em nossa explanação ou tratamento dos contrários.*
>
> *305. E há tantas partes da filosofia quantas são as substâncias, de modo que deve haver uma filosofia primeira e uma que lhe é subsequente. Pois o ser e a unidade são coisas que imediatamente possuem gêneros; e por essa razão as ciências corresponderão a eles. Pois o termo filósofo é usado como o termo matemático; pois a matemática também tem partes, e há uma ciência primeira e uma segunda, e depois outras "que seguem estas entre as ciências matemáticas.*

COMENTÁRIO

A Metafísica também trata do "ser-um".

548. Aqui ele prossegue para mostrar que o estudo dos atributos comuns, como um e muitos, e o mesmo e diferente, pertence à consideração de uma mesma ciência; e quanto a isso ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que isso é verdade para cada atributo tomado separadamente, argumentando a partir de princípios próprios ou específicos. Segundo (570), mostra que isso é verdade para todos os atributos tomados em conjunto, argumentando a partir de princípios comuns.

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que o filósofo deve investigar todos esses atributos. Segundo (568), ele nos diz como investigá-los.

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que é ofício desta ciência considerar a unidade e suas espécies. Segundo (564), mostra que é ofício de uma mesma ciência considerar todos os opostos.

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que é ofício desta ciência considerar a unidade. Segundo (561), mostra que também pertence a ela examinar as espécies da unidade.

Ele diz, então, primeiro, que o ser e a unidade são a mesma coisa e são uma única natureza. Ele diz isso porque algumas coisas são numericamente as mesmas, mas não são uma única natureza, e sim naturezas diferentes, por exemplo, Sócrates, esta coisa branca e este músico. Ora, os termos um e ser não significam naturezas diferentes, mas uma única natureza. Mas as coisas podem ser uma de duas maneiras: (1) algumas coisas são uma que estão associadas como coisas intercambiáveis, como princípio e causa; e (2) algumas são intercambiáveis não apenas no sentido de que são uma e a mesma numericamente [ou em sujeito], mas também no sentido de que são uma e a mesma conceitualmente, como veste e roupa.

549. Ora, os termos *um* e *ser* significam uma natureza de acordo com conceitos diferentes, e, portanto, são como os termos princípio e causa, e não como os termos túnica e vestimenta, que são totalmente sinônimos. — No entanto, não faz diferença para sua tese se os considerarmos

usados no mesmo sentido, como aquelas coisas que são uma tanto numericamente quanto conceitualmente. Na verdade, isso "apoiará antes nosso empreendimento", ou seja, servirá melhor ao seu propósito; pois ele pretende provar que a unidade e o ser pertencem ao mesmo estudo, e que as espécies do um correspondem às do outro. A prova disso seria mais clara se a unidade e o ser fossem os mesmos tanto numericamente quanto conceitualmente, e não apenas numericamente e não conceitualmente.

550. Ele prova que são os mesmos numericamente usando dois argumentos. Ele dá o primeiro onde diz: "Pois um homem", e é o seguinte. Quaisquer duas coisas que, quando adicionadas a uma terceira coisa, não causam diferença alguma são totalmente as mesmas. Mas quando um e ser são adicionados a homem ou a qualquer coisa, não causam diferença alguma. Portanto, são totalmente as mesmas. A verdade da premissa menor é evidente; pois é a mesma coisa dizer "homem" e "um homem". E, da mesma forma, é a mesma coisa dizer "ente humano" e "a coisa que é homem"; e nada diferente é expresso quando, ao falar, repetimos os termos, dizendo: "Isto é um ente humano, um homem e um homem". Ele prova isso da seguinte forma.

551. É a mesma coisa para o homem e a coisa que é homem ser gerada e corrompida. Isso é evidente pelo fato de que a geração é um processo em direção ao ser, e a corrupção, uma mudança do ser para o não-ser. Portanto, um homem nunca é gerado sem que um ente humano seja gerado, nem um homem nunca é corrompido sem que um ente humano seja corrompido; e aquelas coisas que são geradas e corrompidas juntas são elas mesmas uma e a mesma.

552. E assim como foi dito que o ser e o homem não estão separados nem na geração nem na corrupção, também isso é evidente quanto ao que é um; pois quando um homem é gerado, um homem é gerado, e quando um homem é corrompido, um homem também é corrompido. É claro, então, que a justaposição destes [isto é, de um ou ser a homem] expressa a mesma coisa, e que, justamente porque o termo um ou ser é adicionado a homem, não se deve entender que alguma natureza é adicionada a homem. E a partir disso, é claramente aparente que a unidade não difere do ser, porque quaisquer duas coisas que são idênticas a uma terceira coisa são idênticas entre si.

553. É também evidente, a partir do argumento anterior, que a unidade e o ser são os mesmos numericamente, mas diferem conceitualmente; pois se não fosse esse o caso, seriam totalmente sinônimos, e então seria sem sentido dizer "um ente humano" e "um homem". Pois deve-se ter em mente que o termo *homem* é derivado da quididade ou da natureza do homem, e o termo *coisa*, da quididade apenas; mas o termo *ser* é derivado do ato de ser, e o termo *um*, da ordem ou ausência de divisão; pois o que é um é um ser indiviso. Ora, o que tem uma essência e uma quididade em razão dessa essência, e o que é indiviso em si mesmo, são os mesmos. Portanto, esses três — coisa, ser e um — significam absolutamente a mesma coisa, mas de acordo com conceitos diferentes.

554. **Além disso, a substância** (303).

Então ele dá o segundo argumento, que tem a ver com a mesmidade ou identidade do sujeito. Este argumento é o seguinte. Quaisquer dois atributos que são predicados essencialmente e não acidentalmente da substância de cada coisa são os mesmos no sujeito, ou numericamente. Mas a unidade e o ser são tais que são predicados essencialmente e não acidentalmente da substância

de cada coisa; pois a substância de uma coisa é uma em si mesma e não acidentalmente. Portanto, os termos ser e um significam a mesma coisa no sujeito.

555. Que os termos *ente* e *uno* são predicados essencialmente e não acidentalmente da substância de cada coisa pode ser provado da seguinte forma. Se ente e uno fossem predicados da substância de cada coisa em razão de algo acrescentado a ela [isto é, acidentalmente], o ente teria que ser predicado também da coisa acrescentada, porque qualquer coisa é una e é um ente. Mas então surgiria a questão se o ente é predicado desta coisa (a coisa una acrescentada) essencialmente ou em razão de alguma outra coisa que, por sua vez, lhe é acrescentada. E se este último fosse o caso, então a mesma questão surgiria novamente a respeito da última coisa acrescentada, e assim ao infinito. Mas isto é impossível. Portanto, deve-se sustentar a primeira posição, a saber, que a substância de uma coisa é una e é um ente por si mesma e não em razão de algo acrescentado a ela.

556. Deve-se notar, porém, que Avicena pensava de modo diferente sobre isto; pois ele disse que os termos ente e uno não significam a substância de uma coisa, mas algo acrescentado a ela. Ele disse isto a respeito do *ente* porque, no caso de qualquer coisa que deriva sua existência de outra, a existência de tal coisa deve diferir de sua substância ou essência. Mas o termo ente significa a própria existência. Por isso parece que o ente, ou a existência, é algo acrescentado à essência de uma coisa.

557. Ele falou do mesmo modo a respeito do *uno*, porque pensava que o uno que é conversível com o ente e o uno que é o princípio do número são o mesmo. E o uno que é o princípio do número deve significar uma realidade acrescentada à substância; caso contrário, o número, já que é composto de unos, não seria uma espécie de quantidade, que é um acidente acrescentado à substância. Ele disse que este tipo de uno é conversível com o ente, não no sentido de que signifique a própria substância de uma coisa ou o ente, mas no sentido de que significa um acidente pertencente a todo ente, assim como a capacidade de rir pertence a todo homem.

558. Mas, quanto ao primeiro ponto, ele não parece estar correto; pois, ainda que a existência de uma coisa seja (+) outra que a sua essência, não se deve entender que seja algo acrescentado à sua essência à maneira de um (~) acidente, mas (+) algo estabelecido, por assim dizer, pelos princípios da essência. Portanto, o termo ente, que é aplicado a uma coisa em razão da sua própria existência, designa a mesma coisa que o termo que lhe é aplicado em razão da sua essência. [A existência é posteriormente esclarecida como o ato da essência.]

559. Tampouco parece ser verdade que o uno ou a unidade que é conversível com o ente e aquela que é o princípio do número sejam o mesmo; pois nada que pertence a alguma classe especial de ente parece ser característico de todos os entes. Por conseguinte, a unidade que é limitada a uma classe especial de ente – a quantidade discreta – não parece ser conversível com o ente universal. Pois, se a unidade é um acidente próprio e essencial do ente, ela deve ser causada pelos princípios do ente enquanto ente, assim como qualquer acidente próprio é causado pelos princípios do seu sujeito. Mas não é razoável que algo que tenha um modo particular de ser seja adequadamente explicado pelos princípios comuns do ente enquanto ente. Não pode ser verdade, então, que algo que pertence a um gênero e espécie definidos seja um acidente de todo ente.

560. Portanto, o tipo de unidade que é o princípio do número difere daquele que é conversível com o ente; pois a unidade que é conversível com o ente significa o próprio ente, acrescentando-lhe a noção de *indivisão*, a qual, sendo uma negação ou uma privação, não põe nenhuma realidade acrescentada ao ente. Assim, a unidade difere do ente em nada numericamente, mas apenas conceitualmente; pois uma negação ou uma privação não é um ente real, mas um ente de razão, como foi dito (540).

No entanto, o tipo de unidade que é o princípio do número acrescenta à substância a nota de uma medida, que é uma propriedade especial da quantidade e é encontrada primeiramente na unidade. E é descrita como a privação ou negação da divisão que pertence à quantidade contínua; pois o número é produzido pela divisão do contínuo. Por isso o número pertence à ciência matemática, cujo sujeito não pode existir separado da matéria sensível, mas pode ser considerado separado da matéria sensível. Mas isto não seria assim se o tipo de unidade que é o princípio do número estivesse separado da matéria no ser e existisse entre as substâncias imateriais, como é verdade para o tipo de unidade que é conversível com o ente.

561. **Portanto, há** (304).

Então ele conclui que é tarefa do filósofo considerar as partes da unidade, assim como é considerar as partes do ente. Primeiro, ele prova isto; e segundo (563), mostra que há diferentes partes da filosofia correspondentes às diferentes partes do ente e da unidade.

Ele diz, primeiro, que, uma vez que ente e unidade significam a mesma coisa, e as espécies das coisas que são as mesmas são elas mesmas as mesmas, deve haver tantas espécies de ente quantas de unidade, e elas devem corresponder-se mutuamente. Pois assim como as partes do ente são substância, quantidade, qualidade, e assim por diante, de modo semelhante as partes da unidade são mesmidade, igualdade e semelhança. Pois as coisas são as *mesmas* quando são unas em substância, *iguais* quando são unas em quantidade, e *semelhantes* quando são unas em qualidade. E as outras partes da unidade poderiam ser tomadas das outras partes do ente, se recebessem nomes. E assim como é ofício de uma única ciência, a filosofia, considerar todas as partes do ente, de modo semelhante é ofício desta mesma ciência considerar todas as partes da unidade, i.e., mesmidade, semelhança e assim por diante. E a este "ponto de partida", i.e., a unidade, "quase" todos os contrários podem ser referidos.

562. Ele acrescenta esta qualificação porque, em alguns casos, este ponto não é tão evidente. No entanto, deve ser verdade; pois, uma vez que um membro de cada par de contrários envolve privação, eles devem ser referidos de volta a certos privativos primários, entre os quais a unidade é o mais básico.

E a pluralidade, que provém da unidade, é a causa da alteridade, diferença e contrariedade, como será dito abaixo. Ele diz que isto foi tratado "em nossa seleção", ou extrato, "dos contrários", i.e., um tratado que é a parte selecionada para lidar com os contrários, a saber, o Livro X (2000-21) desta obra.

563. **E há** (305).

Aqui ele mostra que as partes da filosofia são distinguidas em referência às partes do ente e da unidade. Ele diz que há tantas partes da filosofia quantas são as partes da substância, da qual ente e unidade são predicados principalmente, e da qual é a principal intenção ou objetivo desta ciência tratar.

E porque as partes da substância estão relacionadas entre si numa certa ordem, pois a substância imaterial é naturalmente anterior à substância sensível, então, entre as partes da filosofia, deve haver uma parte primeira. (1) Ora, a parte que trata da substância sensível é primeira na ordem do ensino, porque qualquer ramo do conhecimento deve começar pelas coisas que nos são mais conhecidas. Ele trata desta parte nos Livros VII (1300) e VIII desta obra. (2) Mas a parte que tem a ver com a substância imaterial é anterior tanto em dignidade quanto no objetivo desta ciência. Esta parte é tratada no Livro XII (2488) desta obra.

Mas, quaisquer que sejam as partes primeiras, devem ser contínuas com as demais, porque todas as partes têm a unidade e o ser como seu gênero. Portanto, todas as partes desta ciência estão unidas no estudo do ser e da unidade, embora tratem de diferentes partes da substância. Assim, é uma ciência, na medida em que as partes anteriores são coisas que correspondem a "estas", isto é, à unidade e ao ser, como atributos comuns da substância. Nesse aspecto, o filósofo se assemelha ao matemático; pois a ciência matemática tem partes diferentes, uma das quais é primária, como a aritmética, outra secundária, como a geometria, e outras que se seguem a estas em ordem, como a óptica, a astronomia e a música.

Revision #3
Created 7 September 2026 23:34:17 by Admin
Updated 13 September 2026 16:29:21 by Admin